

Santa Preocupação

Em Busca da Santidade—Parte 2

1 Pedro 1.15–16

Introdução

Cerca de 175 anos atrás, surgiu rapidamente, como um meteoro no céu, a vida de um jovem pastor na Escócia. Seu testemunho continua impactando vidas cerca de 200 anos depois. Ele entrou para o ministério pastoral em 1836 aos vinte e três anos, mas serviu apenas por seis anos. Ele morreu numa epidemia de tifo quando tinha apenas vinte nove anos de idade. Mesmo assim, sua breve vida nessa terra influenciou milhares de pessoas ao redor da Escócia e no exterior para que entregassem suas vidas ao senhorio de Jesus Cristo. Se você ler o suficiente sobre a vida de Robert Murray McCheyne, sairá com a impressão de que ele vivia preocupado com Deus:

- preocupado com a glória de Deus;
- preocupado com a graça de Deus;
- preocupado com a Palavra de Deus;
- preocupado com a pregação do Evangelho.

Ele pregou as seguintes palavras em um de seus sermões quando desafiava os crentes:

Lembrem-se, vocês são a espada de Deus, seu instrumento, um vaso escolhido por ele para levar seu nome. Em grande medida, o sucesso

será de acordo com a pureza do instrumento. O que Deus abençoa não é um talento maravilhoso, mas semelhança a Jesus Cristo. Um crente santo é uma arma poderosa na mão de Deus.¹

O apóstolo Pedro diz “amém” para esse tipo de dedicação a buscar a semelhança e santidade de Cristo.

Se você esteve conosco em nosso estudo anterior, então sabe que fizemos a seguinte pergunta: como podemos permanecer puros no meio de uma sociedade impura? Como buscamos santidade num mundo perverso? A resposta veio na forma de quatro passos descritos em 1 Pedro 1. Hoje continuamos respondendo essa pergunta, destacando os dois passos restantes.

O primeiro passo que vimos para permanecer puro foi: controle seus pensamentos. Pedro escreveu em 1 Pedro 1.13: ***Por isso, cingindo o vosso entendimento.*** O verbo se refere ao ato de recolher partes do manto que atrapalhavam o indivíduo ao correr. Ou seja, Pedro nos manda recolher os pensamentos soltos e amarrá-los para que não nos atrapalhem enquanto corremos pela vida. Controle seus pensamentos.

O segundo passo foi controle seus sentimentos: *sede sóbrios*, ou seja, não entre em pânico interiormente; não seja levado pelas emoções.

Terceiro, foque em seu futuro: *esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo*. O crente vive no tempo futuro, assim como um casal de noivos que economiza dinheiro e como a noiva que se enche de esperança. Todas as decisões que tomam no presente são à luz daquele evento futuro quando passarão a viver juntos.

Nós, a noiva de Cristo, devemos tomar decisões e fazer planos tendo em vida que nosso Noivo está chegando em breve; logo entraremos na glória de seu céu e nos uniremos a ele.

O quarto passo que vimos foi: abandone hábitos antigos. Lemos no verso 14:

Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância.

O termo *paixões* simplesmente resume todo tipo de desejo pecaminoso, egocêntrico, imoral e corrupto que impulsiona os filhos da desobediência, conforme Paulo chama o descrente em Efésios 2.2.

Perceba que, para Pedro, essas *paixões* se referem à vida passada do crente—*que tínheis anteriormente*. O que significa que esses hábitos podem ser abandonados. Ele não diz que o crente nunca mais terá desejos pecaminosos, mas sim que ele escolherá não mais seguir os padrões dos filhos da desobediência, mas dos filhos da obediência.

Continuaremos, hoje, destacando mais alguns passos para nos manter puros numa sociedade impura.

5. Em quinto lugar, encare seu chamado com seriedade.

O verso 15 começa dizendo: *pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou*. Esse é um dos conceitos prediletos de Pedro. A maioria das pessoas pensa que somente pastores, missionários e missionárias são chamados por Deus e que os demais crentes não possuem nenhum chamado especial.

Isso é precisamente o que o diabo quer que você pense. Primeiro porque esse pensamento reduz as atividades gerais desta vida a uma classe secundária de menor significância eterna. Pior do que isso, essa perspectiva serve de desculpa para o crente. Ele diz: “Ah, eu não fui chamado... Deus não me chamou para fazer nada especial. Esse negócio de ‘chamado’ é para pastores e missionários. Eles são chamados por Deus.”

Todavia, Pedro escreve para todos os crentes espalhados pelas regiões do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, cobrindo uma área de quase dois milhões de km². E esses crentes foram chamados por Deus para servir em seus contextos.

Pedro utiliza o conceito de “chamado” em várias ocasiões na sua carta:

- No verso 15, vemos um chamado singular para a santidade;
- Em 2.9, Pedro fala que todo crente foi chamado das trevas para a maravilhosa luz;
- Em 2.21, nosso chamado é seguir o exemplo de autocontrole demonstrado por Cristo em face ao sofrimento;
- Em 3.9, somos todos chamados para herdar uma bênção futura;
- Em 5.10, vemos que um dia nosso chamado incluirá libertação para a glória eterna de Deus;

- E em 2 Pedro 1.3, Pedro afirma que o crente recebeu o chamado especial para uma vida de excelência piedosa em tudo quanto fizer.

Meu querido, você foi chamado por Deus! E o chamado que Pedro destaca aqui é aquele de um viver santo. Portanto, leve seu chamado a sério.

Continue no verso 15: *tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento.*

Grande parte no empreendimento de se manter puro é entender que Deus nos chamou para buscar a santidade. E você terá que encarar isso a sério porque, se não houver decisão e disciplina, santidade não acontecerá por acaso.

O erudito D. A. Carson afirmou algo interessante em uma entrevista. Ele disse que o crente não flutua em direção à santidade. À parte de um esforço movido pela graça, as pessoas não gravitam em direção a piedade, oração, obediência às Escrituras, fé e deleite no Senhor. Ao contrário, gravitamos em direção a comprometimento e o chamamos de tolerância; gravitamos em direção à desobediência e chamamos isso de liberdade; gravitamos em direção a superstição e chamamos de fé; gravitamos em direção a indisciplina e chamamos de moderação; gravitamos em direção à impiedade e nos convencemos de que estamos escapando do legalismo.²

Por isso, o crente genuíno luta contra a força gravitacional de sua natureza caída e do mundo caído; lutamos contra a maré das pressões mundanas; recusamos nos deixar ser levados pela corrente do comprometimento moral que não enxerga a tragédia logo adiante.

Meu irmão, leve seu chamado a sério.

6. Em sexto lugar, entenda a verdade sobre a santidade.

Se você perguntar a 100 pessoas o que é santidade, provavelmente ouvirá 100 respostas diferentes. Pedro, porém, está prestes a esclarecer o assunto ao descrever para nós o que é santidade.

- a. Primeiro, a santidade é compreensiva.

Lemos no final do verso 15: *em todo o vosso procedimento.* Ou seja, em toda a nossa conduta ou comportamento. Santidade se aplica a todas as diferentes áreas, atividades e preocupações da vida cotidiana. A santidade é compreensiva.

Agora, isso não significa que você coloca uma gravata ou um vestido para ir ao mercado ou que tenta ler a Bíblia enquanto troca o pneu de um cliente em sua oficina. Também não significa que escrevemos uma longa lista de coisas que não podemos fazer. Na verdade, santidade envolve não só o que não fazemos, como também o que fazemos.

Agora, entenda que, se reduzirmos santidade a uma mera lista de coisas que podemos ou não podemos fazer, acabamos perdendo de vida nosso chamado especial e o objeto de nossa santa preocupação, a saber: aquele que nos chama para estar em relacionamento com ele como Senhor e Salvador e quem desejamos imitar, amar, seguir e obedecer.

Em sua busca pela santidade, não ignore Cristo! E Pedro lembra a nós de que, quando o buscamos genuinamente, tudo em nossa vida pertencerá a ele.

A santidade é compreensiva, o que significa que não nos portamos de um jeito na igreja e de outro jeito no campo de futebol, na praia, no salão, no trabalho ou no shopping.

Sempre que chegam as eleições, nos deparamos com o mesmo problema: não demora muito até que o público descobre que os candidatos compartimentalizaram, de alguma forma ou outra, sua integridade, honestidade e senso de certo e

errado. Logo que começam seus discursos e debates, suas palavras, no fundo, transmitem a seguinte mensagem:

- “Você pode confiar em mim nesta área, mas não toque nessa outra área.”
- “Você pode me respeitar por causa do que eu disse aqui, mas tente esquecer o que eu disse lá fora.”
- “Sou honesto neste assunto aqui, mas não tente descobrir a verdade sobre outras questões.”

A verdade é que vivemos num momento maravilhoso para demonstrar ao mundo o contraste no estilo de vida do crente. Integridade, honestidade e pureza não são atributos que aparecem numa área da vida e não nas demais. Não existem cantos escuros, negócios fraudulentos, conversas corruptas ou postura desonesta com o intuito de ganhar a aprovação das pessoas. Nossa preocupação fervorosa é a santidade compreensiva para a glória de Deus e o avanço do evangelho.

Em sua obra *Apologia* escrita no século segundo ao imperador romano, Justino Mártir apresenta argumentos para a veracidade das alegações do Cristianismo e ele desafia o imperador a examinar as vidas dos crentes e observar sua pureza.³

Você consegue imaginar esse mesmo argumento sendo utilizado hoje? Imagine escrever ao presidente da república, ministros, empresários e reitores de universidades, dizendo-lhes: “Olha, quero validar a verdade do Cristianismo para vocês. A única coisa que precisam fazer é examinar as vidas de seus cidadãos, empregados e alunos crentes. A conclusão será a de que, uma vez que são puros de maneira singular, o Cristianismo tem que ser verdade.”

A questão é que esse deveria ser o mais poderoso argumento em prol do Cristianismo—a *apologia* da fé.

Porventura, isso significa que os crentes são perfeitos? Não! Santidade não é perfeição. O termo que Pedro emprega para *santo* é *hagios*, que significa ser separado, diferente.⁴ Por exemplo:

- O Templo judeu era considerado santo, não porque as pedras e argamassa eram de alguma forma misticamente perfeitas, mas porque o prédio em si era distinto dos demais;
- O sábado era santo para a nação de Israel porque era tratado de forma diferente dos outros seis dias da semana.
- Semelhantemente, o crente é santo não porque é perfeito, mas porque é diferente do descrente ao seu redor.⁵

Utilizamos o mesmo conceito hoje em dia ao nos referir ao casamento como “santo matrimônio”. Ele é santo porque você se casou com uma mulher perfeita? (Bom, nesse caso, sim... me casei com a mulher perfeita!). Não, claro que não. Ele é chamado de “santo matrimônio” porque você e sua esposa, embora imperfeitos, estão em um relacionamento que é diferente dos demais relacionamentos.

Assim como os crentes do século primeiro, os crentes do século vinte e um têm oportunidades fantásticas de revelar suas diferenças, que é essa preocupação maior com o santo caráter de Deus. E essa preocupação aparece em todas as áreas da vida.

Um erudito no Novo Testamento escreveu: “Não deve existir parte alguma em nossas vidas que não prove a fragrância da santidade.”⁶

A santidade não é compartimentalizada, mas é compreensiva.

- b. Em segundo lugar, além de não ser compartimentalizada, a santidade não é algo novo.

Observe os versos 15–16: *tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está.*

Santidade não é algo que Pedro inventou; ele não parou um dia e achou que seria uma boa ideia buscar a santidade de Deus. Não. Pedro cita aqui o livro de Levítico—aquele livro da sua Bíblia onde as páginas estão todas grudadas umas às outras.

A palavra “santo” ocorre em Levítico mais do que em qualquer outro livro da Bíblia.⁷ Nesse livro, Deus revela por meio de Moisés as leis de dieta e leis cerimoniais, além de muitas outras regulamentações em torno de rituais, costumes e outras prescrições para o povo de Israel seguir. No cerne de tudo isso estava o desejo de Deus que seu povo revelasse para as nações ao seu redor de maneira singular o relacionamento de aliança com YAHWEH.

Agora, o que Pedro faz nessa nova dispensação do Novo Testamento, é repetir a ordem central, porém deixando de lado qualquer menção a questões cerimoniais, guarda de sábado, costumes em geral, festas e exigências de sacrifício.⁸ E essa ordem central é tão relevante para a presente dispensação da graça como foi na dispensação anterior: *Sede santos, porque eu sou santo.*

Ao empregar o prefácio *porque escrito está*, Pedro basicamente diz: “Olha, isto foi escrito há muito tempo. Nada mudou! Não discuta comigo, discuta com Deus!”

- c. A santidade não é compartimentalizada, não é algo novo e, em terceiro lugar, não é algo que criamos.

Lemos no verso 16: *Sede santos, porque eu sou santo.* Santidade não é algo que criamos, mas uma Pessoa à qual nos conformamos. Seu chamado como crente é buscar se conformar ao caráter de Deus. Ele, por conseguinte, efetuará dentro de você a vontade e o próprio ato de fazer aquilo que agrada ao Senhor. Afinal, você pertence a Deus e é filho dele.⁹

Filhos crescem seguindo o exemplo dos pais. Seria terrível se seus filhos crescessem imitando outras crianças, não é verdade? Enquanto crescia com meus outros três irmãos, nunca ouvi minha mãe dizer: “Meninos, vocês devem imitar uns aos outros. Comecem a agir como seu irmão.” Não. Isso traria grandes perigos à casa. Ao invés disso, minha mãe dizia que devíamos crescer e parecer mais com o nosso pai.

E este é o problema: seguimos o exemplo errado, o que significa que não estamos olhando alto o suficiente; estamos criando nossos próprios padrões humanos.

Um pai da igreja que viveu no século segundo entendeu tudo errado sobre esse assunto. Quando um jovem lhe perguntou o significado de viver uma vida santa, esse pai da igreja listou várias regras:

Deixe de lado roupas coloridas... remova de sua guarda-roupas tudo o que não é branco; não durma mais em um travesseiro macio, nem tome banho quente; se você é sincero em seu desejo de seguir a Cristo, jamais se barbeie porque se barbear é uma tentativa de melhorar a obra de Cristo, o qual nos criou.

Veja bem: no ambiente cristão que eu cresci, líderes eclesiásticos afirmavam que era pecado *ter*

barba; aqui está esse indivíduo dizendo que é pecado *raspar* a barba.

A verdade é que satisfazemos regras humanas porque buscamos a aprovação humana. Pedro deseja redirecionar nosso foco para um relacionamento.

A santidade não foca em si mesma, mas é resultado de um chamado. Deus nos deu um chamado para si mesmo; nós pertencemos a ele; ele nos deu uma viva esperança e reserva uma herança muito além de nossa imaginação. Com esse tipo de relacionamento entre o Pai e seus filhos, Pedro nos manda crescer e agir, não como outras pessoas agem, mas como o nosso Pai Celestial.

E a verdade é que não sabemos se Deus tem barba! Imitamos, não a cor de seus mantos ou a delicadeza do tecido que reveste seu trono; nós imitamos seu caráter, atributos, disposição, graça, amor e glória—ele se torna nossa santa preocupação. Quando isso acontece, o mundo reconhece que nós, como nosso Deus, somos, indubitavelmente, *hagios*, isto é, diferentes.

J. Allen Blair, já falecido, contou em um de seus comentários sobre uma reunião que ocorreu envolvendo um líder cristão e David Ben-Gurion, o primeiro Primeiro Ministro de Israel e uma das peças fundamentais na formação do Estado moderno de Israel. Ben-Gurion nasceu em 1886 e morreu em 1973.

O estadista cristão aproveitou a oportunidade da conversa em particular com Ben-Gurion e começou a lhe contar sobre a graça salvadora de Jesus Cristo. Ben-Gurion perguntou: “Existem cristãos no mundo como aqueles que leio no Novo Testamento? Já li o Novo Testamento inteiro e sou profundamente tocado pelo que leio ali. Já o li completamente até mesmo em grego. O ensino e o padrão apresentado são maravilhosos, mas será que

existem pessoas que vivem conforme aquele padrão e ensino? Existem, de fato, pessoas vivendo como crentes hoje? Esse livro é, porventura, capaz de produzir aquilo que propõe?”

O estadista cristão respondeu: “Pode sim, sr. Ben-Gurion,” e continuou lhe contando seu testemunho pessoal de mudança por causa de Jesus Cristo.

“Mas será que existem outros como você?”, perguntou Ben-Gurion. “Sim, milhões”, respondeu o crente.

“Onde estão?”

“Bom, estão espalhados pelo mundo.”¹⁰

Você consegue imaginar estas perguntas—“Existem, de fato, pessoas vivendo como crentes hoje? Onde estão?”. Deus nos chama para responder essas perguntas. Nós fomos chamados das trevas para a sua maravilhosa luz para:

- imitar a excelência do nosso Deus Criador;
- imitar o domínio próprio de Cristo em face à provação; e
- demonstrar a singularidade de uma vida santa em meio a um mundo pervertido.

Esse é o nosso chamado! Será que existem crentes verdadeiros por aí dispostos a responder a esse chamado?

Eu encontrei um em um lugar inusitado. Numa viagem que fiz à Índia para pregar, viajamos por vários estados, pregando em várias igrejas e eventos. A viagem era longa e cansativa. Em uma cidade onde ficamos hospedados algumas noites, eu ia pregar numa cruzada para mais de mil crentes. Minha mensagem era precedida por duas horas de música—com corais convidados de diversas igrejas e cada grupo vinha vestido de forma peculiar com

roupas combinando. Nunca vi algo tão exuberante como aquilo.

Eu passei a manhã e o começo da tarde no meu quarto, estudando e preparando meu sermão. A camareira veio e arrumou o meu quarto; percebi algo que só consigo descrever como um “senso de alegria”. Ela fez um trabalho impecável, fazendo tudo com atenção e educação.

No dia seguinte enquanto eu me preparava para ir embora e puxava minha mala pelo corredor, eu a vi com seu carrinho cheio de produtos do hotel. Eu parei e perguntei algo que poderia lhe gerar problemas, caso alguém nos ouvisse. Mas eu queria lhe perguntar mesmo assim: “Senhora, a maneira extraordinária como você arrumou o meu quarto e aquele olhar de alegria em seu rosto... preciso perguntar: neste mundo cercado por hindus, antagonistas a tudo relacionado ao Cristianismo, você pertence a Jesus Cristo?” Imediatamente, ela sorriu e disse: “Sim, sou crente.”

Como eu soube disso? Por causa da excelência de seu trabalho e de sua atitude que, naquele mercado de trabalho e naquele mundo de tremenda

pobreza, não era algo fácil manter um espírito alegre.

Fiquei pensando depois: ela provavelmente nunca proclamará o evangelho para centenas de milhares de pessoas; ela pode nem mesmo ser conhecida por muitos crentes; contudo, ela limpa quartos de um hotel e podemos notar que seu serviço é uma demonstração de sua preocupação com a santidade de Deus, com sua busca pelo caráter e glória do seu Senhor e Salvador, o qual, de fato, a faz uma pessoa santa—diferente.

Meu irmão, será que existem crentes no seu mundo? Onde estão? Responda essa pergunta em seu dia a dia, enquanto dá passos para se tornar puro e permanecer puro.

Como dizia o pregador Robert Murray McCheyne, vamos nos transformar em armas poderosas nas mãos de nosso Deus santo, não por causa de grande oportunidade e talento, mas por causa de uma semelhança grandiosa a Jesus Cristo, nosso Deus santo, gracioso e redentor.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 06/11/2016

© Copyright 2016 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ Adaptado de “The Impact of Robert Murray McCheyne,” de J. Harrison Hudson (publicado originalmente em janeiro de 1987, edição da revista *Life and Work*, revista da Igreja da Escócia) e *Holman New Testament Commentary* (Holman Publishers, 2000), 444.

² Adaptado de D. A. Carson, citado em “Reflections”, *Christianity Today* (31/07/2000).

³ R. C. Sproul, *1–2 Peter* (Crossway, 2011), 46.

⁴ Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 748.

⁵ William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Westminster, 1976), 188.

⁶ D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH, 1984), 96.

⁷ Michael Bentley, *Living for Christ in A Pagan World* (Evangelical Press, 2009), 47.

⁸ Adaptado de John Phillips, *Exploring the Epistles of Peter* (Kregel, 2005), 69.

⁹ Adaptado de Hiebert, 97.

¹⁰ Adaptado de J. Allen Blair, *Living Peacefully: 1 Peter* (Kregel, 1959), 31.